

ESPAÇOS:

FABULAR PARA DESEMPALIDECER

Por Julia Guimarães¹

No texto anterior que escrevi para a cobertura crítica deste 37º Festivale, sobre *Sputnik II e outras histórias caninas*, abordei as potencialidades de se misturar vertentes cênicas poucas vezes vistas juntas. Naquela obra, o desafio dizia respeito à singular escolha de se fazer teatro documentário para o público infantojuvenil. Já no espetáculo *Espaços*, do coletivo joseense A Casa das Lagartixas – que se apresentou na última segunda-feira (4), no Teatro Municipal – parece haver uma análoga quebra de expectativas no tocante às conexões entre linguagem e temática. Neste solo, vemos um palhaço, criado pelo artista Renato de Sousa Júnior, que precisa lidar em cena com nada menos que sua própria depressão.

Ainda que exista um imaginário, no repertório dos narizes vermelhos, a projetar certa dose de melancolia a essa figura, o que se espera de um palhaço é, antes de mais nada, que ele faça o público rir. Como já dizia a velha canção², “Faça a plateia gargalhar, Um palhaço não deve chorar”. No entanto, assim como a tradicional personagem do Pierrot já traz consigo uma lágrima negra abaixo dos olhos, também na criação dirigida pelo próprio Renato de Sousa junto com Ariadne Antico, o que vemos é a valorização de um paradoxo: como extrair humor de afetos tristes e áridos?

Emoldurado por um cenário em branco e preto, que remete ao interior de uma casa, e por uma trilha sonora instrumental, que reforça a atmosfera de angústia presente na montagem, o palhaço solitário vivencia uma rotina que faz lembrar, em alguns momentos, certa falta de sentido característica das peças de teatro do absurdo. Entre o passar do café num coador empoeirado, a companhia solitária de uma flor vermelha e o rabiscar as datas no calendário pendurado à cozinha, pouca

¹ Crítica teatral, professora, pesquisadora e jornalista. É editora do site de crítica Horizonte da Cena (horizontedacena.com), pós-doutora em Artes Cênicas pela UFMG e concluiu seu doutorado na USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

² *Palhaço*, música composta por Nelson Cavaquinho, Washington Fernandes e Osvaldo Martins.

coisa acontece. Por um lado, essa inação ajuda a revelar um estado de alma melancólico cada vez mais frequente nas sociedades contemporâneas e, no entanto, muitas vezes invisibilizado, especialmente num momento em que o imperativo das redes sociais é o oposto: performar a felicidade a qualquer custo. Por outro lado, a apatia e falta de vigor do palhaço torna desafiadora a própria fruição da obra, ainda mais em um espaço amplo e pouco intimista, como é o caso do Teatro Municipal, onde o minimalismo de cada ação torna suas alterações pouco perceptíveis.

É o que ocorre, por exemplo, na cena de abertura de *Espaços*, na qual o palhaço encontra-se deitado sobre uma cadeira. Passa-se muito tempo sem que alguma coisa efetivamente aconteça, ou, pelo menos, quando visto ali das poltronas centrais do teatro. Percepção distinta aparece, no entanto, ao assistir a mesma sequência em vídeo, no qual a ação surge em *close*, em uma escala bem mais próxima do espectador e, portanto, favorável à ampliação do detalhe.

Se a primeira parte do trabalho cênico está organizada pela investigação desse paradoxo de balancear graça e melancolia - extremamente desafiador tanto para o artista quanto para o público -, em um dado momento ocorre um ponto de virada que colabora para enriquecer o tratamento temático e poético da montagem. Trata-se da passagem – anunciada já na sinopse – em que o palhaço Mané Bexiga, desmotivado pela tristeza e solidão de seu cotidiano, decide interromper a própria vida com a ajuda de uma corda. Na cena, o que impede sua contagem regressiva de chegar até o fim é uma singela aparição da lua na janela. Representada por uma bola transparente, com a qual o palhaço brinca, ela simboliza justamente certa capacidade de poetizar um cotidiano empalidecido pelo sofrimento.

Com a ajuda de dois contrarregras, representados pelos atores Victor Dantas e Diogo Cábuli, Mané Bexiga experimenta algumas ideias mirabolantes para conseguir chegar até a lua, a partir de imagens que encontra em um livro. São os contrarregras que o auxiliam, por exemplo, a tentar “voar”, sustentado por bexigas coloridas, antes que estourem, e a fantasia de alcançar a lua se mostre efêmera. Através dessas tentativas, o que surge nas entrelinhas da dramaturgia é a própria aposta na arte e na imaginação como importantes campos para produzir sentido ali, onde não há, e para enriquecer subjetividades, sejam estas individuais ou coletivas.

Embora esse giro dramaturgico traga um novo ritmo à criação agora embalada pelo som do jazz, em certo momento o mote para a ação torna-se repetitivo e previsível, nas incessantes e frustradas tentativas do palhaço de chegar à lua. Em todas elas – assim como nas brincadeiras iniciais com a cadeira – o que aparece como tessitura cênica são os jogos clássicos da linguagem do palhaço, associados à tentativa de se resolver um objetivo criando para si uma nova complicação. Porém, antes de alcançar o ponto de transformação necessário para estabelecer os efeitos de surpresa e humor nesse tipo de jogo, a situação parece ser abandonada e rapidamente substituída por outra. Ainda que o espetáculo esteja longe de propor a graça tradicional do universo clownesco, para que o paradoxo proposto pela trama se efetive, talvez faça falta aprofundar-se um pouco mais no desenrolar de cada ação.

A despeito dos desafios técnicos e poéticos que a montagem envolve, o gesto em si de projetar uma lente lúdica sobre assuntos tão densos, delicados e atuais – como a depressão e o suicídio –, chama atenção para o potencial de se experimentar a linguagem dos narizes vermelhos nesse contexto. Antes e depois do espetáculo, há um alerta sobre possíveis gatilhos que a obra pode suscitar e um apelo a quem estiver passando por situação semelhante: peça ajuda. Ao narrar a trajetória de um palhaço que volta a enxergar sentido na vida justamente quando experimenta o poder da fabulação, o espetáculo *Espaços* ecoa sua confiança de que a arte pode ser um caminho para lidar com os vazios da existência.